

DÍVIDA EXTERNA



Henry Kissinger

“Renegociação será na forma tradicional”

por Suely Caldas
do Rio

O ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, previu ontem que, no mínimo, o Brasil conseguirá um acordo semelhante ao do México na próxima renegociação de sua dívida, cuja solução ele acha será dada só após as eleições norte-americanas. Ao conceder ontem uma entrevista coletiva à imprensa brasileira e estrangeiros, no Hotel Intercontinental, Kissinger afirmou que a próxima renegociação será conduzida no método tradicional, com banqueiros estrangeiros e Fundo Monetário Internacional (FMI), de um lado, e Brasil, de outro. Ele manifestou, porém, sua simpatia pela proposta formulada durante reunião dos países devedores, em Mar del Plata, para que se processem discussões políticas governamentais sobre as dívidas dos países latino-americanos, já na primeira metade do próximo ano. Esta mesma opinião, aliás, Kissinger repetiria, mais tarde, em encontro que manteve com o candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves.

Henry Kissinger está no Brasil convidado pela Cia. Ceras Johnson, subsidiária da Johnson Wax norte-americana, para pronunciar conferência para executivos da empresa. Nesse programa, o senador Roberto Campos, também conferencista, defendeu a tese de os países devedores pagarem suas dívidas com moeda local. Ao ser inda-

gado sobre essa tese, Kissinger manifestou espanto ao ser informado quem era seu autor e, depois de lembrar que o senador brasileiro é seu “velho amigo”, disse: “Costumo pensar duas vezes quando estou em desacordo com ele, porque respeito muito sua opinião”.

DEVEDORES

Henry Kissinger evitou falar em “pool” de devedores, mas achou natural que os países devedores se reunam, como ocorreu em Cartagena e Mar del Plata. Reafirmou sua confiança na economia brasileira: “O Brasil é um país de fantásticos recursos, seu povo é trabalhador e criativo, sem falar no jogo de futebol, que é uma beleza. Pode agora estar passando por dificuldades momentâneas, mas não há forma de imaginar que o investidor não será bem-sucedido no Brasil”. O ex-secretário norte-americano disse não ter nenhuma dúvida de aconselhar o investidor norte-americano a investir no Brasil, se ele tem um horizonte de dez a quinze anos pela frente. “Mas se há quem queira investir com especulação, visando a ganhar dinheiro em dois anos, seguramente não deve escolher o Brasil”, acrescentou. Logo em seguida, um jornalista indagou de Kissinger se ele próprio arriscará seu dinheiro investindo no Brasil, ao que ele respondeu fazendo humor: “Espero que o futuro do Brasil não dependa de minhas economias.” Mas, seriamente, acho que na minha posição não fica bem fazer investimentos no estrangeiro”.

Se o candidato democrata Walter Mondale ganhar a próxima eleição de novembro, nos Estados Unidos, os países devedores poderão ser prejudicados, na opinião de Henry Kissinger. “Sou a favor do governo Reagan”, disse, “e acredito firmemente que ele ganhará a eleição, mas acho que a situação poderá complicar-se se houver mudança no governo, porque negociação depende de confiança já conquistada e de continuidade de negociações anteriores.” Finalmente, Kissinger disse não temer o futuro político do Brasil, tornando-se presidente Maluf ou Tancredo. E à indagação do jornal inglês “Financial Times” se o preocupava a possibilidade de instabilidade no regime político brasileiro, depois de vinte anos de poder militar, Kissinger respondeu sem vacilar que essa instabilidade só é vista pelos estrangeiros, mas “em nada preocupa os brasileiros”.